

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

POLIANA DE ALMEIDA BARBOSA

**FAMÍLIA, ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS AFETIVOS: A importância do
vínculo afetivo nesta relação**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

POLIANA DE ALMEIDA BARBOSA

FAMÍLIA, ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS AFETIVOS: A importância do vínculo afetivo nesta relação

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Junior.

POLIANA DE ALMEIDA BARBOSA

FAMÍLIA, ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS AFETIVOS: A importância do vínculo afetivo nesta relação

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 29/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROF. ME. JOEL LIMA JUNIOR

Membro: PROF. ESP. LARISSA VASCONCELOS RODRIGUES

Membro: ESP. DANIELA COELHO ANDRADE

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

FAMÍLIA, ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS AFETIVOS

Poliana de Almeida Barbosa¹
Joel Lima Júnior²

RESUMO

Adentrar o campo da fase da adolescência, é estar aberto para entender todas as vivências sociais e culturais em que o adolescente está inserido, bem como, conhecer as relações que este vive em família. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo foi discutir sobre a adolescência, família e a importância do vínculo afetivo nesta relação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e explicativa, através de publicações, livros e artigos científicos do banco de dados da internet e da literatura mundial. Nesse viés, observou-se que o adolescente em seu aspecto emocional, comportamental, físico e social sofre algumas modificações que o torna confuso e inseguro e com inúmeros conflitos existenciais. Para que o adolescente tenha um desenvolvimento saudável, percebe-se a importância da construção do vínculo afetivo com a família ou com outro indivíduo diverso que representa uma figura de cuidado na primeira infância, uma vez que tal relação permite a construção de uma base segura para que tenha um suporte para lidar com as transformações biopsicossociais e os conflitos internos e externos que os afligem acerca de tomada de decisões sobre seu ser atuante no mundo. Por outro lado, é possível perceber que a ausência ou fragilidade de tal vínculo, poderá tornar esse adolescente adoecido e possivelmente tornar-se um adulto com dificuldades afetivas. Conclui-se, destarte, que as relações de apegos seguros são essenciais para o desenvolvimento da segurança na construção de vínculos afetivos saudáveis.

Palavras-chave: Família. Adolescência. Vínculo Afetivo. Psicologia.

ABSTRACT

Entering the field of the adolescence phase means being open to understanding all the social and cultural experiences in which the adolescent is inserted, as well as knowing the relationships that he lives in the family. Thus, the general objective of this study was to discuss adolescence, family and the importance of the affective bond in this relationship. It is a bibliographical, exploratory and explanatory research, through publications, books and scientific articles from the internet database and world literature. In this bias, it was observed that adolescents in their emotional, behavioral, physical and social aspects undergo some changes that make them confused and insecure and with numerous existential conflicts. For the adolescent to have a healthy development, the importance of building an affective bond with the family or with another diverse individual who represents a figure of care in early childhood is perceived, since such a relationship allows the construction of a secure base for that has support to deal with the biopsychosocial transformations and the internal and external conflicts that afflict them about decision-making about their active being in the world. On the other hand, it is possible to perceive that the absence or fragility of such a bond could make this teenager sick and possibly become an adult with affective difficulties. It is therefore concluded that secure attachment relationships are essential for the development of security in building healthy affective bonds.

Keywords: Family. Adolescence. Affective Bonding. Psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: polianafaculdade85@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento humano acontece a partir das interações sociais, direcionadas por conteúdos afetivos e cognitivos, que se influenciam mutuamente. Essas interações são influenciadas pelo modelo de relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com os indivíduos, dentro dos ambientes em que convive. Tais relações provocam, no sujeito, impactos afetivos internos e subjetivos, positivos ou negativos, dependendo da qualidade da relação vivenciada (BRITES; CÁSSIA, 2012).

É importante enfatizar que o indivíduo, desde o momento da sua gestação é permeado por uma sequência temporal de fatos e fatores que irão acompanhá-lo ao longo da vida, influenciando na sua vivência em sociedade. Tendo como base a socialização primária um direcionamento significativo na formação dos vínculos afetivos que envolvem adesão de elementos afetivos em que o indivíduo vai se identificando ao longo do processo de construção da identidade e subjetividade (LEAL; CONCEIÇÃO; TEIXEIRA, 2018).

A família é a instituição primária do sujeito, constituída de uma organização hierárquica de papéis, gênero, costumes, comportamentos é a forma como os indivíduos se organizam em sociedade com um grau de parentesco biológico ou unidos por laços afetivos de amizade independente da relação conjugal ou orientação sexual. A família é o núcleo em que o sujeito vivencia e internaliza a socialização, cada indivíduo interpreta o mundo que o cerca de maneira singular e subjetiva, por isso se faz necessário conhecer as relações desenvolvidas na construção do sujeito (SUDBRACK, 2001; PRATTA; SANTOS, 2007).

Inicialmente, justifica-se a escolha do presente estudo diante da vivência pessoal da pesquisadora, com grupos de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em uma ONG na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Em segundo momento, o presente trabalho pode trazer contribuições de cunho social e educacional, diante da necessidade de se discutir e aprofundar a temática para que os futuros profissionais possam melhor oferecer um suporte para adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

O presente artigo tem como objetivo geral: discutir acerca da influência de vínculos afetivos na vivência da adolescência, e como objetivos específicos: verificar as principais dificuldades vivenciadas em âmbito familiar frente à fase da adolescência; discutir sobre a importância familiar na construção dos vínculos afetivos na adolescência.

2 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como bibliográfico, exploratório e explicativo. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica possui base em conteúdo já elaborado, se constituiu de livros e artigos científicos. O trabalho bibliográfico é uma das formas mais comuns de pesquisa, em que o pesquisador utiliza fontes de informação existentes, como livros, artigos, relatórios e outras publicações.

A pesquisa exploratória é aquela em que o pesquisador busca compreender um tema ainda pouco conhecido ou estudado. Visa disponibilizar uma maior proximidade com a problemática estudada, a fim de tornar-se mais claro ou para melhor desenvolver hipóteses, com o objetivo principal de trabalhar ideias ou para o surgimento de novas (GIL, 2002).

Por fim, a pesquisa explicativa é aquela em que o pesquisador busca compreender a relação entre as variáveis envolvidas no tema estudado. É focada em identificar fatores determinantes que ocorrem diante dos fenômenos. Tem caráter explicativo em dar razão ao porquê das coisas, no entanto pode haver margem de erro, porém o estudo explicativo está definido pelos resultados disponíveis (GIL, 2002).

A coleta de dados aconteceu entre os meses de março e junho de 2023, tendo como descritores: *Família; Adolescência; Vínculo Afetivo; Psicologia*. Ressalta-se ainda que, a coleta aconteceu nas seguintes bases de dados Google Acadêmico, SciELO, Bireme e Pubmed. Os critérios de inclusão dos textos foram: estar em português e serem publicados, preferencialmente, nos últimos cinco anos, exceto quando se trata de textos clássicos que abordam o tema em questão.

3 BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO FAMILIAR

A instituição familiar é uma das instituições sociais mais antigas e fundamentais em todas as culturas. Ela tem sido objeto de estudo e reflexão ao longo da história, sua configuração é dinâmica e vem mudando significativamente ao longo do tempo e em diversos aspectos. No sentido tradicional, família significa um grupo de pessoas aparentadas que vivem juntos pai, mãe e filhos, oriundas do mesmo sangue, com ascendência, linhagem, estirpe ou por adoção (PRADO, 2011).

De origem latina, o vocábulo *Familya* significa casa, servidores, cortejo. Compreendia um conjunto de pessoas originárias de um mesmo ancestral. A História descreve que a família surge, inicialmente, como uma relação espontânea e natural, para, posteriormente, o grupamento converter-se em família monogâmica dentro de uma distinta área envolta pelas relações privadas (ANTUNES, 2001).

Para Engels (1997) o termo deriva de *famulus*, que significa escravo doméstico. Foi esta uma expressão criada pelos romanos para designar uma nova instituição social que surge entre tribos latinas, quando inseridas na agricultura e escravidão.

Afirma-se que a família “é uma instituição social que varia ao longo da História e até apresenta formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado” (PRADO, 2011, p.17). Ressalta ainda que seus aspectos positivos como núcleo afetivo de apoio e solidariedade; e aponta os aspectos negativos quando a família impõe normas “por meio de leis, usos e costumes, que implicam formas e finalidades rígidas”.

Segundo Hironaka (2018) a família é uma entidade histórica, ancestral como a história, interligada com os rumos e desvios da história dela mesma, mutável na exata medida em que mudam as estruturas e a arquitetura da própria história através dos tempos, a história da família se confunde com a própria humanidade.

Na Grécia Antiga, por exemplo, a família era uma unidade política, em que o homem exercia a autoridade sobre a esposa e os filhos (WIECZORKIEWICZ; BAADE, 2020). Segundo relatos de Vernant (1988) os homens conviviam e disputavam a supremacia com homens, onde "o ideal de excelência era masculino", tendo esta, ainda, uma função política e social, representando um ponto de referência histórica constante.

Na Roma Antiga, a família era instituída como uma unidade jurídica, em que o pai tinha o poder absoluto sobre a família e seus bens. Constituía-se um patriarcado de seus fâmulos de esposas e filhos, escravos e livres. Na herança romana o homem era o chefe da família como autoridade maior, a mulher era submissa a vontade do esposo e os filhos deviam total obediência ao pai. O pai tinha o direito de impor castigos, penas corporais, venda de escravos (PRADO, 2011).

Na Idade Média, a família era vista como uma unidade econômica, em que todos os membros trabalhavam juntos para garantir a sobrevivência da mesma. Segundo Ariès (1978), a vivência em família no período da Idade Média até o séc. XVII era vivido em público e não de maneira privada, tudo era compartilhado, o trabalho em comum, as conversas, os jogos, as cerimônias de casamento.

Nesta época não havia distinção entre classe social, idade, patrões, empregados, crianças, adultos, as casas eram abertas a todos. O sentimento presente nas famílias era de “linhagem”, clã. Havia um sentimento de pertença, de honra, integridade, com sentimento de família relacionado a casa, a organização da casa, a forma como se gerencia o governo do lar (ARIÈS, 1981).

A família tinha o cargo de garantir a transmissão não somente da vida, mas dos bens, dos nomes, do patrimônio familiar. Começou a surgir novas preocupações com a saída das crianças para escola com a entrada em um mundo mais moderno com a civilização medieval, onde a família deixa de ser uma instituição pública. A passagem da família medieval para moderna implicou novas mudanças, nas relações e atribuições familiares (ARIÈS, 1981).

Ao longo dos séculos, a família ganhou novas concepções com a evolução social acompanhando as mudanças na organização da sociedade. Em uma concepção mais atual, a instituição familiar caracteriza-se como uma unidade de pessoas que estão em interação, como um sistema semiaberto que é composto por uma história natural, possuindo estágios diferentes, onde cada um corresponde a especificidades dentro deste composto que é a família. É um sistema que se insere numa diversidade de contextos e constitui-se por pessoas que compartilham sentimentos e valores que formam os laços que as unem, como interesse, solidariedade e reciprocidade, cada um funcionando de uma forma (SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003)

Apesar das inúmeras transformações enfrentadas ao longo do tempo, a família continua a ser uma instituição fundamental para a sobrevivência e o bem-estar das pessoas. É um dos espaços mais importantes para a socialização primária das pessoas, onde elas aprendem os valores, as normas, os costumes e os comportamentos que são aceitáveis na sociedade (PRADO, 1985).

4 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência pode ser compreendida como um fenômeno com base em questões fundamentais que descreve um período crescente e inevitáveis perturbações. Com foco nas mudanças sistêmicas, cognitivas, emocionais, corporais, e em vários aspectos nas relações interpessoais, com foco na trajetória do desenvolvimento positivo do sujeito (SENNA; DESSEN, 2012).

Segundo Becker (2003), entende-se por adolescência a etapa que se estende, dos 11 anos até aproximadamente o final da segunda década de vida. Trata-se de uma etapa de transição, na qual não se é mais criança, mas ainda não se tem o *status* de adulto. Para o setor jurídico a partir do 16 a 21 anos o indivíduo pode casar-se, tirar carteira de motorista, realizar o voto, início no mercado de trabalho.

A palavra adolescência vem do latim *ad + olescere*, significando crescer para. O adolescente é um ser em desenvolvimento que pode viver diversas transformações e conflitos interiores e exteriores. Apresenta mudanças corporais, psíquica e hormonal. Há uma mudança na aparência em consequência das alterações hormonais da puberdade: aumento da sudorese, alteração no tom de voz, aparição de acne, pêlos pubianos e nas axilas (BECKER, 2003).

Algumas dessas transformações vão afetar diretamente o adolescente em sua autoimagem e autoestima. À medida que se desenvolve com a capacidade de lidar com as alterações, seus pensamentos e sentimentos mudam e surgem novas habilidades cognitivas e comportamentais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Ao iniciar essas transformações o adolescente passa por um ritual de passagem a qual considera o indivíduo com responsabilidades de adulto, onde em muitas circunstâncias gera sofrimento psíquico (BECKER, 2003).

As mudanças corporais fazem surgir novas sensações de excitação sexual complexa em sentir prazer ao olhar, tocar outro indivíduo ou sentir sentimento de culpa, excesso de preocupação por medo de estar fazendo algo errado. O surgimento dos pelos pubianos e axilar entre ambos, na menina primeira menstruação vem acompanhado de sintomas desagradáveis, impaciência, nervosismo e tristeza repentina. No menino aumenta o tamanho do pênis, iniciando a produção de espermatozoides (BECKER, 2003).

Segundo Griffa e Moreno (2004), há uma distinção entre adolescência e puberdade, faz parte da puberdade uma transformação por completo nas estruturas bioquímicas e morfológicas sendo desenvolvida no período da adolescência. Para manter um desenvolvimento equilibrado o corpo sofre essa mutação podendo ser lenta ou problemática, variando na intensidade e no ritmo de acordo com o tempo e processo de cada um, ocorrendo de maneira individualizada.

É o que Erikson (1986) chamou de uma "moratória social", um compasso de espera que a sociedade oferece a seus membros jovens, enquanto se preparam para exercer o papel de adulto e desenvolver autonomia, mesmo diante da necessidade de amor e proteção da família. É um período em que o adolescente se prepara para viver outros relacionamentos sociais colocando em prova seus potenciais e limites. O conceito de moratória social introduzido por Erikson (1986), aponta para a realidade que o adolescente precisa de um tempo para assimilar e integrar o que constitui a identidade do ego, as responsabilidades da vida adulta.

A base afetiva e segura na infância, contribui para tomadas de decisões acerca do futuro, sobre si mesmo diante dos conflitos internos de quem eu sou. O que pode vir a ser, que

lugar ocupa no mundo. Na formação da identidade adulta o adolescente pode entrar em uma confusão de papéis que vem a desempenhar na sociedade (ERIKSON, 1986).

A construção da identidade traz uma concepção coerente do *self*, a partir de valores, metas e crenças estabelecidas pelo adolescente. Segundo Erikson (1986), o processo de amadurecimento do adolescente com o desenvolvimento cognitivo enfatiza uma compreensão saudável do *self* fundamentadas nas etapas anteriores tendo como base a confiança, autonomia, iniciativa e produtividade para aprender a lidar com os desafios da idade adulta.

Confrontar a crise de identidade é um papel fundamental na adolescência com base na teoria de Erikson (1986), a identidade forma-se quando o adolescente está resolvido internamente segundo as questões que lhe afetam relacionadas à escolha de vida, a adoção de valores e vivência de uma sexualidade satisfatória. A vivência saudável da primeira infância é primordial para que quando jovem saiba lidar com os problemas e desenvolver virtudes que colaboram com o enfrentamento das crises existenciais nesse período que geram conflitos interiores.

Reconhecer a dimensão da sexualidade como parte integrante da identidade sexual traz aspectos relevantes na construção da adolescência. A formação da identidade sexual afeta profundamente os relacionamentos, a autoimagem. No séc. XX houve uma mudança no comportamento do sujeito na forma de aceitação da diversidade de gênero de atividades sexuais. A difusão da tecnologia facilitou a comunicação e proximidade no contato com o outro despertando a atração sexual, facilitando que adolescente solitário encontre contatos com pessoas mesmo que sejam anônimas para se relacionarem (RODRIGUES; BRINO; WILLIAMS, 2006).

Ser adolescente é pertencer ao mundo de forma diferente, com uma variedade no comportamento, mudanças repentinas, enfrentando a problemática relacionada ao seu corpo, seus pensamentos e vontades oscilantes. Vivencia um período de profundas mudanças, adaptações, inserção no mundo social, busca de referência familiar, independência e novos ciclos de amizade (GRIFFA; MORENO, 2004)

4.1 ADOLESCÊNCIA E CONFLITOS

A adolescência em seu desenvolvimento psicossocial possui um período de afastamento da própria família, ficando mais próximo dos amigos, participando de grupos sociais. Fisiologicamente ocorrem mudanças no organismo que irão interferir na interação com o outro, o cérebro do adolescente difere do cérebro adulto, em que as estruturas mentais

inibem respostas claras que ainda não se completaram do período da infância (HOUZEL, 2013).

O adolescente tem dificuldade de enfrentar os conflitos internos e ambientais, podendo ser afetado pelos conflitos familiares. Sentem-se confusos e inseguros. Em sua rebeldia desafia a autoridade dos pais, emergindo um conflito de gerações, rompendo barreiras com a necessidade da autonomia e independência dos pais. Surgiu o anseio pela liberdade de poder gerenciar suas próprias atividades, sair de casa, dirigir, experimentar o álcool e outras drogas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Ainda de acordo com os autores acima, um dos fatores que pode contribuir para os adolescentes não se relacionarem bem com seus pais é a dificuldade para se adaptar ao seu corpo em transformação e lidar com as demandas que vão surgindo da vida adulta, causando perturbações e conflito de gerações. No entanto, esses conflitos são naturais quando são vivenciados com tranquilidade e diálogo (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Em linhas, a maioria dos conflitos dos adolescentes com os pais gira em torno das tarefas diárias, atividades da casa, tarefas escolares, horário de recolher, saídas de casa, amigos. Os pais querem impor expectativas no comportamento dos filhos, muitas vezes pais sentem-se confusos quanto a liberdade dos filhos, desejam que os filhos sejam independentes, porém sentem dificuldade de deixá-los partir. Ficam ambivalentes, querem que alcancem autonomia e responsabilidades de seus atos, mas ao mesmo tempo querem protegê-los (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013)

Os conflitos internos e externos se intensificam na faixa etária de 13 anos e diminuem aos 17 anos ao estabilizar a fase da adolescência. Iniciando um processo de tomada de decisões e responsabilidade por suas escolhas. A parentalidade democrática colabora com o desenvolvimento psicossocial saudável. Aos pais democráticos colocam regras, normas, valores importantes sem se deixar manipular e sem punir severamente. Uma educação violenta e rigorosa pode colaborar com o afastamento dos adolescentes aos pais. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

A punição por meio da retirada de afeto, de amor exercendo um controle psicológico sobre o sujeito pode trazer prejuízos à saúde mental do adolescente, diminuindo a capacidade de regular suas emoções negativas, ter um autocontrole de seus impulsos de raiva e ressentimento. Os filhos perdem o direito de escolhas pessoais, em sua maneira de pensar e agir. Sendo direcionado pelo aprendizado da autodisciplina, vivências das normas e regras familiares. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

A comunicação entre pais e filhos pode fluir melhor quando realizam uma tarefa juntos, fortalecendo o vínculo familiar, contribuindo para que o adolescente desenvolva pensamentos positivos em relação aos pais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013). Pais abertos ao diálogo, a novas experiências dos filhos permitem a aproximação dos filhos com probabilidade de permitir que filhos ajam com liberdade e segurança. Uma orientação eficaz, firme, pontual pode ajudar a evitar problemas graves no comportamento do adolescente (GRIFFA; MORENO, 2004).

A instituição familiar pode garantir uma base segura e uma atmosfera saudável promovendo uma vivência amorosa entre os indivíduos, favorecendo o ajustamento ao adolescente ao nível psicossocial e mental. O envolvimento dos pais na educação dos filhos gera uma relevância significativa na construção do vínculo afetivo que vai repercutir em sua vida de maneira eficaz na construção das relações. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

5 FAMÍLIA E A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO

O sujeito nasce, dentro de um determinado grupo familiar, pertencente a um território social geográfico, a uma nação, possui um grau de parentesco que irá contribuir na formação da sua identidade e constituição enquanto pessoa. O nascimento traz a criança ao mundo numa configuração familiar que vai influenciar na construção da sua identidade. (CAMPOS, 1997).

(Campos, 1997) estudou o desenvolvimento humano integrando a razão e a emoção. A evolução do psiquismo do sujeito está presente em fontes orgânicas e emocionais. Pelo que a criança adquire no mundo ao seu redor como pelo que desenvolve em seu amadurecimento psicológico. As reações emocionais são naturais na relação com o ambiente e seus familiares, adquirindo a comunicação das emoções: alegria, medo e tranquilidade.

A afetividade precede ao surgimento de condutas cognitivas. O indivíduo inicia sua interação social nos primeiros anos de vida em que a criança necessita do afeto, dos cuidados do outro para sobreviver. Saindo do isolamento fetal para se relacionar com o outro que é referência através da linguagem e estimulação sensório-motor, em que a criança descobre o mundo tocando nas coisas (CAMPOS, 1997).

Considerando, então, as várias escolas psicológicas, Campos (2010, p. 58 apud BARRETO, 2015, p.37) explica que as experiências nos anos anteriores (infância) são de fundamental importância na fase da adolescência:

A criança, cujas necessidades de carinho e afeição foram satisfeitas, comumente tem os fundamentais sentimentos de segurança que a capacitam a enfrentar os estresses da adolescência com um considerável grau de resistência. Se, através dos anos, foi ajudada a entender a si e aos outros, a identificar seus alvos e valores, a resolver seus problemas e a ajustar-se às mudanças, em si mesmo e no ambiente, estará bastante fortalecida para enfrentar as tensões e pressões emocionais da adolescência. Nesta fase, será particularmente importante o grau em que desenvolveu a autodisciplina e aprendeu a aceitar as responsabilidades da progressiva proporção de liberdade que vai alcançando.

Segundo Magalhães (2012), compreende-se que o desenvolvimento saudável de uma criança exige cuidados e proteção de um adulto. As experiências relacionais que estabelecemos precocemente desde o útero materno se torna ponto central como nos relacionamos quando adultos.

As relações de apego seguros são essenciais para o desenvolvimento da segurança na construção de vínculos afetivos saudáveis. A vinculação parental produz sentimento de vinculação quando a criança cresce num ambiente seguro, harmonioso, afetuoso com uma base de segurança afetiva. A vinculação afetiva promove proximidade com a figura de confiança específica em que a criança sente-se segura (MAGALHÃES, 2012).

Sendo toda experiência que gera proximidade estabelece uma base segura na capacidade do indivíduo de se adaptar e explorar o meio, crianças desprovidas de cuidados maternos ou de outro indivíduo diverso que representa uma figura de cuidado podem crescer com tendência a se tornarem adultos frios, adoecidos pelas dificuldades afetivas nas relações familiares pela ausência de afeto, amor e cuidado nos primeiros anos de vida. (MAGALHÃES, 2012).

A Teoria do Apego reconhece que os primeiros cuidados são fundamentais para o estabelecimento de vínculo futuro. Torna-se uma força motora para desenvolver proximidade com outro indivíduo. Ela nasce com Bowlby, ao realizar estudos sobre a "delinquência juvenil" em um contexto social pós-guerra mundial (GOMES, 2011).

Bowlby defendia a teoria de que a mãe é a principal doadora de cuidado afetivo na infância, sendo os primeiros cuidados com os filhos indispensáveis para formação de sua personalidade de uma maneira saudável (GOMES, 2011).

Dias (2007) destaca que a criança ao se sentir vinculada a alguém que tem como referência, busca proximidade quando se sente insegura, assustada, cansada ou doente. O comportamento de vinculação busca proximidade com seu cuidador.

O processo de vinculação se origina por meio de um conjunto de sistemas comportamentais que se desenvolvem a partir de mecanismos instintuais que datam desde o nascimento, de modo a favorecer relações próximas com figuras significativas (BOWLBY,

2002). Essas relações envolvem consequências emocionais integradoras ou disfuncionais que vão permear a vida do sujeito de experiências permitindo construir vínculo afetivo em concordância com as condições do ambiente que favoreça ou não a vinculação. Relações afetivas seguras dão suporte ao indivíduo frente às condições difíceis estabelecidas.

Para Bedene (2010), o adolescente é um ser biossocial, vive em constantes relações, influenciados por valores de grupos que vai repercutir em seu comportamento de acordo com suas necessidades de segurança, afeto diante dos conflitos que atinge. O adolescente em seu aspecto emocional, comportamental, físico e social vai sofrer modificações que o torna confuso, inseguro sendo necessária uma base sólida familiar que seja suporte afetivo diante de seus conflitos existenciais neste período de rebeldia.

A família vai influenciar na relação com o adolescente conforme seu modelo hierárquico com base no afeto e diálogo com seus genitores. Os conflitos de gerações nas relações parental filial, com pais autoritários e filhos independentes que buscam viver sua liberdade e individualidade vai repercutir em aspectos negativos na relação dos pais com os filhos (STENGEL, 2011).

Por outro lado, os pais autoritários que se tornam flexíveis demais perdem a oportunidade de exercer uma educação mais firme por receio de prejudicar o filho, tornando-se permissivo às vontades dos mesmos, porém, a função da família é comunicar seus valores morais e universais nos quais defendem e acreditam (STENGEL, 2011).

É na instituição familiar que os valores se constituem como fonte educadora na vida dos filhos, formando o sujeito da família para sociedade, o convívio social, o ambiente sócio cultural, contribuindo para seu desenvolvimento e socialização, compreendendo que, muitas vezes, é da família que se é estabelecido a ordem, os valores e a disciplina (BARRETO, 2015)

Na adolescência ocorre a separação da infância para idade adulta, tendo a afetividade como princípio saudável para se inserir na vida social, sendo guiado por valores morais, sociais e espirituais fundamentais na interação com o outro. O sujeito tem dificuldade de se relacionar por estar vivenciando um período de rebeldia, perturbações e conflitos na família, alheio a sociedade, antagônico a vida adulta (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Quando os adolescentes são ajudados em seus problemas internos e externos, evitam ter uma adolescência tumultuada e passam a ter uma maior aproximação com os pais quando estes lhes transmitem segurança e afeto, os adolescentes sentem-se valorizados. A aprovação dos pais é significativa para os adolescentes. A ajuda dos familiares nesta fase é fundamental para ajudar o adolescente a lidar com questões problemáticas. O apoio parental e da rede de

apoio extensivo vão beneficiar no aprendizado de novas habilidades e capacidade de enfrentamento dos problemas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

O adolescente que recebe apoio, é encorajado a enfrentar seus desafios e a explorar seu potencial se depara com uma crise natural e saudável a ser superada. As constantes mudanças e informações adquiridas podem ser exploradas num sentido mais encorajador, a olhar para si mesmo na conquista do sentimento de independência, autonomia e liberdade. A influência do ambiente externo, pais, familiares, amigos, escolas e outros espaços, a cultura serão fundamentais na formação do sujeito (SENN, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família influencia no desenvolvimento do sujeito. O adolescente com este vínculo afetivo firmado desde a infância através do afeto dos pais ou cuidadores principais, vai contribuir na formação do indivíduo. A relação de apego seguro dos pais ou responsáveis ajuda no desenvolvimento do adolescente saudável e com potencial desenvolvido para lidar com conflitos e frustrações da vida pessoal.

Quando a base familiar é disfuncional o adolescente pode passar por diversos conflitos internos e externos que afetaram o seu desenvolvimento sócio educativo, muitos passaram por negação de afetos e cuidados. O adolescente que vive em ambiente familiar violento é afetado pelos conflitos familiares e em sua rebeldia desafia pais autoritários, se isolam ou por anseio de liberdade querem sair de casa, ter novas experiências, fazer uso do álcool e outras drogas, muitas vezes por curiosidade ou influências sociais.

Famílias disfuncionais e ambientes violentos necessitam de uma base afetiva segura para contribuir com o desenvolvimento saudável e suporte técnico para ajudar o sujeito a se entender como um ser único e reconhecer seu potencial. A psicologia pode contribuir oferecendo um suporte técnico através da escuta ativa e aplicações de intervenções, realizando um trabalho de prevenção e cuidado a saúde mental compreendendo o indivíduo como um ser histórico, social e cultural, considerando as demandas de vulnerabilidade social, as influências do ambiente, os constructos históricos e culturais.

O suporte da psicologia é uma base para que este ser em formação que não se entende e além de tudo falta apoio para lidar com todo este turbilhão de incertezas e através das diversas abordagens e técnicas terapêuticas buscar compreender o sujeito em sua totalidade e proporcionar bem-estar psicológico e emocional. Como também realizar prevenção com os

cuidados da saúde mental por meio de atividades de intervenção na comunidade, nas escolas e instituições.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marco António. Público e o Privado em Hannah Arendt. p. 4. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/Antunes-marco-público-privado.pdf. 2001 Acesso em 05 jun 2023.

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família, 2a edição, Rio de Janeiro. **Livros técnicos e científicos**, 1981.

BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando nas famílias**, v. 19, n. 2, p. 34-42, 2015.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. - São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção primeiros passos; 159).

BEDENE, Marialva do Rocio. Caderno Temático: Reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes, alunos matriculados no ensino fundamental. **PDE. Universidade Fernando Pessoa**, 2010.

BOWLBY, John. **Apego: a natureza do vínculo**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRITES, Isabel; DE CÁSSIA, Roberta. Vigotsky, LS (2005). Pensamento e Linguagem. **Revista Lusófona de Educação**, v. 22, n. 22, 2012.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência: Normalidade e psicopatologia**, 24. ed. Petrópolis: Vozes. 2010.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia do desenvolvimento 2: Psicologia humana**, 3.ed , Petrópolis, RJ: Vozes.1997.

DA SILVA LEITE, Sérgio Antônio. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

DIAS, Pedro. **Vinculação e regulação autonómica nas perturbações alimentares**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade do Minho (Portugal).

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da Propriedade Privada do Estado. Tradução: Leandro Konder- 14a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 224.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade: Juventude e crise** (2ª ed., trad. A. Cabral). Rio de Janeiro, Brasl: Zahar Editores (trabalho original publicado em 1968). 1976.

GIL, Antonio Carlos, et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Adriana de Albuquerque. A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea. **Universidade Estadual Paulista**, 2011.

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a psicologia do desenvolvimento**. Paulinas, 2004.

HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. Direito de família, direitos da personalidade, direitos fundamentais e direitos humanos: correlação entre o ser familiar e o ser humano. **Revista Argumentum** – Argumentum Journal of Law, v. 19, n. 2, p. 319-329, 2018.

HOUZEL, Suzana. Herculano. **O cérebro adolescente: A neurociência da transformação da criança em adulto**. São Paulo: Amazon, 2013.

LEAL, Débora Araújo; dos Santos Conceição, Veronica Alves; TEIXEIRA, Janete Moura. O CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E O DESAFIO DO TRABALHO SOCIAL COM FAMÍLIAS DE VÍNCULOS FRAGILIZADOS. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 3, n. 1, p. 57-63, 2018.

MAGALHÃES, Mariana Coelho de Almeida. **Histórias de vida: Os laços afetivos no mundo que criamos**. 2012. Tese de Doutorado.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013

PRADO, Danda. **O que é família**. 2 ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, p. 17. 2011.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, p. 247-256, 2007.

RODRIGUES, Julliana Luiz; BRINO, Rachel de Faria; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti Albuquerque. Concepções de sexualidade entre adolescentes com e sem histórico de violência sexual. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 16, p. 229-240, 2006.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 28, p. 101-108, 2012.

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. Funções e transformações da família ao longo da história. **Anais do I Encontro Paranaense de Psicopedagogia**, p. 57-57, 2003.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, 17(3), 502-521.2011.

SUDBRACK, Maria Fátima Olivier. (2001). Terapia familiar sistêmica. Em S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), **Dependência de drogas** (pp. 403-415). São Paulo: Atheneu.

VERNANT, Jean-Pierre. *Myth and society in ancient Greece*. 1988.

WIECZORKIEWICZ, Alessandra Krauss; BAADE, Joel Haroldo. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 20, p. 1-6, 2020.

